

Funções do marcador polissémico 'já' no Português de Timor-Leste: Importância do conhecimento da(s) línguas(s) materna(s) dos aprendentes do Português L2 no processo da aquisição/aprendizagem da língua não-materna

Hanna J. Batoréo
Universidade Aberta, Lisboa

Abstract

In the present study the polysemous Portuguese marker 'já' is approached through its different functions (aspectual, temporal, evaluational, etc., cf. Lopes, 2003). The study focuses on specific uses of 'já' that occur in the Portuguese written corpus of Timorese speakers of European Portuguese as L2 (Batoréo, 2006). Some of them seem to be due to past particles typical of Austronesian languages but functionally different from the marker used in standard European Portuguese. It is claimed that some of the Timorese L2 Portuguese production can be understood better and analysed only if the mother tongue(s) of East Timorese speakers are taken into consideration.

Keywords: Portuguese marker 'já', polysemy, Portuguese in East Timor, acquisition and learning processes of Portuguese as a foreign language.

Palavras-chave: Marcador 'já', polissemia, Português de Timor-Leste, aquisição/aprendizagem de Português língua não materna.

1. Problema

Passados quase dez anos sobre a independência de Timor-Leste, muito pouco sabemos, de facto, sobre o Português falado pelos timorenses, embora, nos últimos anos, a especificidade da situação linguística vivida naquele país tenha sido objecto de várias abordagens linguísticas (p. ex., Batoréo, 2005 e seguintes; Santos, 2009).

Tendo por objectivo uma melhor compreensão e caracterização do Português falado no Timor-Leste independente, no presente estudo focaremos o nosso interesse no emprego do marcador polissémico e plurifuncional 'já'. A análise será efectuada com base

num vasto *corpus* de escrita timorense produzida entre 2004 e 2005 e por nós reunida em 2006 (*corpus* Batoréo, 2006), que abrange sobretudo produções escritas livres de quase cinquenta falantes de Português L2, de meia-idade, tanto mulheres como homens, com um bom domínio do Português e professores da Língua Portuguesa em Díli. O *corpus* abrange vários *sub-corpora* dedicados a temas muito variados como, por exemplo, *História da minha família*, uma lenda tradicional timorense (*Saída do paraíso*), *O ensino da Língua Portuguesa em Timor* e *Os problemas com a Língua Portuguesa*. A produção escrita timorense por nós reunida, embora fluente, apresenta por um lado algumas incorrecções típicas dos aprendentes do Português L2 e, por outro, algumas *especificidades* que talvez possam não chegar a ser classificadas como erros, mas que dificilmente seriam aceites como uma produção textual portuguesa típica, conforme atestado pelos falantes nativos do Português Europeu¹. Estas *especificidades* de uso timorense, centradas no emprego do marcador ‘já’ e com questionável *aceitabilidade*, que podem ser observadas em alguns dos falantes, constituem o objecto do presente estudo, tal como exemplificado em (1) e (2) e sinalizado com [?].

(1) [?*] “O meu marido com 25 anos já foi funcionário de saúde (...); a nossa primeira filha já vai fazer 30 anos.” [SF-T04FP]

(2) [?] “Os meus pais casaram-se e tiveram doze filhos, seis rapazes e seis raparigas. Os meus irmãos já se casaram e já tiveram muitos filhos. Também eu já me casei. (...) Tivemos sete filhos (...).” [SF-T24FP]

Conforme ilustrado nos exemplos (1) e (2), provenientes do *sub-corpus* das narrativas sobre *História da minha família*, o marcador ‘já’ surge nelas repetido ao longo do discurso do mesmo falante e pode levantar questões não de correcção do uso do próprio marcador, mas da sua aceitabilidade textual numa narrativa, na qual seria de esperar que houvesse um simples relato de factos com ancoragem predominantemente passada em vez de um emprego marcado frequente, por exemplo, avaliativo (cf. Lopes, 2003). É precisamente este emprego repetido, que parece excessivamente marcado, que será objecto da nossa análise.

Num primeiro momento (secção 2), procuraremos caracterizar sucintamente a plurifuncionalidade do marcador polissémico ‘já’ do Português Europeu com base nos estudos elaborados na área (com destaque especial para Lopes, 2003), para, no segundo momento (secção 3), descrever a correspondente especificidade timorense.

Na última parte do nosso estudo (secção 4), avançaremos uma proposta de análise da questão apresentada, tendo em consideração não só a caracterização da língua-

¹ Agradecemos a dois falantes do Português Europeu e professores de Língua Portuguesa a leitura atenta do *corpus* na mira da avaliação da aceitabilidade dos enunciados produzidos com ‘já’.

alvo em aprendizagem pelos falantes timorenses (isto é, o Português), mas também as características linguísticas da(s) sua(s) língua(s) materna(s).

2. Significados do marcador 'já' em Português Europeu

Poucos são os estudos linguísticos portugueses dedicados à globalidade da especificidade do item lexical português 'já'. Segundo Casteleiro (2001), trata-se de uma palavra polissémica que pode assumir uma das três funções básicas: na maioria dos casos, trata-se de (i) um advérbio (ex. 3), (ii) de uma interjeição (ex. 4) ou (iii) de uma conjunção (ex. 5) (exemplos de Casteleiro, 2001).

(3) *Já escrevi tudo.* (advérbio)

(4) *Já??! Julguei que demorasse mais!* (interjeição)

(5) *Vocês podem conseguir esse objectivo, já com grande dedicação, já com a sábia orientação de um veterano.* (conjunção)

O emprego ilustrado no exemplo (3) é o mais frequente de todos e costuma ser classificado como um *advérbio aspectual* ou *temporo-aspectual*, mas na literatura especializada (cf. Campos, 1997 e Campos & Xavier, 1991) é também considerado como um *marcador aspectual* ou uma *partícula* (aspectual), abrangendo todo o escopo global do significado da frase em que se insere. Quando utilizada com o *Pretérito Perfeito Simples*, a partícula 'já' marca aspectualmente a frase toda, projectando uma acção passada sobre o momento da enunciação e focando o resultado que esta acção tem sobre o momento presente. Esta especificidade é particularmente visível, se a pretendermos render em Inglês: o *Pretérito Perfeito Simples* utilizado com 'já' corresponde normalmente ao *The Present Perfect Tense* e não ao *The Simple Past Tense* (exs. 6a e 6b), tornando-se, assim, transparente o contraste pretendido.

(6) (6a) (P.E.) *O João nasceu (em Junho.)*
(Ing.) *John was born (in June).*

(6b) (P.E.) *O João já nasceu.*
(Ing.) *John has (already) been born. / *John was born.*

Apenas em Lopes (2003), o operador 'já' é analisado na sua complexidade de um operador polifuncional, tendo em conta a variação em sincronia no âmbito dos processos de gramaticalização, num quadro teórico integrado que abrange uma análise semântica em termos verocondicionais, bem como uma análise pragmática do domínio referencial, interpessoal e textual (Lopes 2003: 428). Distinguem-se, assim, três operadores fundamentais: (i) *temporal*, (ii) *aspectual* e (iii) valores *não temporais*, no âmbito dos quais, por sua vez, são abordados os valores *avaliativo*, *escalar*, *contrastivo*, *causal* e *discursivo*.

Assim, na qualidade do (i) localizador *temporal*: o operador ‘já’ surge normalmente posposto aos verbos não estativos no Presente Simples do Indicativo (com valor de futuro), conforme exemplificado em (7), (8) e (9). (Lopes, 2003: 412)

(7) ‘*Voltamos já.*’ (Lopes, 2003: 412, ex. 1)

(8) ‘*Vou já.*’ (Lopes, 2003: 412, ex. 2)

(9) (9a) *‘*Voltei já.*’
(9b) ‘*Voltei logo a seguir.*’ (Lopes, 2003: 413)

Por outro lado e no que diz respeito ao (ii) *operador aspectual*, o valor predominante surge em posição pré-verbal na co-ocorrência de ‘já’ com várias classes de *aktionsart* (cf. exs. 10, 11 e 12):

(A) *combinação de ‘já’ com descrições de eventos dá sempre origem a uma descrição perfectiva ou acabada do evento. É o estado consequente que se focaliza e se apresenta como relevante, e nele está situado o ponto de ancoragem que preside à localização, expressa pela flexão verbal.* (Lopes, 2003: 417)

No exemplo (10), a ancoragem, isto é, o ponto de referência, é presente, correspondendo ao momento da enunciação (cf. ex. 6b), enquanto no exemplo (11) é passado e, no exemplo (12) é futuro:

(10) *O Paulo já atingiu a meta à A meta foi atingida*
(Lopes, 2003: 416-417, ex. 15)

(11) *Quando o telefone tocou, o João já tinha chegado.*
(Lopes, 2003: 417, ex. 16)

(12) *Quando começarem as férias do Natal, o João já terá chegado.*
(Lopes, 2003: 417, ex. 17)

Em todos os contextos atrás apresentados (exs. 10 – 12), o operador ‘já’ “*torna informacionalmente relevante o facto de não haver sobreposição entre a fronteira final do evento culminado e o ponto de referência.* (cf. Campos 1997)” (Lopes 2003: 417).

Se comparados os valores (i) temporal e (ii) aspectual, podemos observar que, por vezes, podem surgir leituras ambíguas temporal vs. aspectual, conforme ilustrado no exemplo (13):

(13) *Já comemos a sopa* (Lopes, 2003: 414, ex. 7)

No exemplo acima ilustrado, o operador ‘já’ surge na posição pré-verbal, enquanto a forma verbal é homónima, podendo a sua leitura ser feita quer no Presente do Indicativo quer no Pretérito Perfeito Simples: quando a leitura é presente, o operador ‘já’

funciona como localizador temporal, mas com a leitura passada passa a apresentar valor aspectual.

Além dos valores (i) temporal e (ii) aspectual, Lopes (2003) distingue e analisa vários valores (iii) *não temporais* do operador 'já'. O primeiro deles é a componente (iii a) *avaliativa*, conforme ilustrado no exemplo (14):

(14) *O Pedro já chegou a Lisboa.*

(= *finalmente*)

(= *veio mais cedo do que se esperava*)

(Lopes, 2003: 420, exs. 21, 21a, 22, 22a)

Neste caso, o falante considera a situação como *precoce* relativamente a uma expectativa ou a uma norma, providenciando uma leitura contextual, construída com base na implicatura conversacional, fundamentada na máxima griceana de relevância.

Uma outra instanciação de valores não temporais pode ser (iii b) *escalar*, conforme ilustrado no exemplo (15), em que a conceptualização escalar ou gradual existente é entre o 'não ter a característica destacada (ser ocidental)' e 'ter a característica destacada (ser ocidental)':

(15) '*O Stanley Ho já é um tipo ocidental*'

(Lopes, 2003: 421, ex. 23)

Seguem-se (iii c) o valor *contrastivo*, com o reforço de contrastividade do conteúdo proposicional, conforme observado no exemplo (16), bem como os restantes valores não temporais: (iii d) *causal ou explicativo* do marcador '*já que*' (cf. Lopes 2003: 424-427) e (iii e) o marcador discursivo '*já agora*' (cf. Lopes 2003: 427).

(16) '*O Pedro é preguiçoso, já o irmão é trabalhador*'

(Lopes, 2003: 422, exs. 24)

A seguir, na secção 3, procuraremos abordar a especificidades dos usos timorenses de 'já', em função da tipologia de Lopes (2003) acima sumariamente apresentada.

3. Os dados do *corpus* timorense (Batoréo, 2006): análise e discussão

Tal como foi indicado na secção 1, o *corpus* por nós reunido (Batoréo, 2006) é composto por vários *subcorpora*, subordinados a temas diferentes e produzidos por subgrupos de falantes distintos.

No *subcorpus* ‘*História da minha família*’², o marcador ‘já’ surge em apenas dois terços da amostra (isto é, em 19 dos trinta textos produzidos), com 49 ocorrências, o que significa que cada falante que utiliza o marcador fá-lo, em média, duas vezes e meia no seu texto. Numa análise mais pormenorizada, no entanto, verifica-se que cerca de metade dos falantes (isto é, dez dos dezanove acima citados) utiliza o operador ‘já’ com a frequência superior à média, ou seja, os seus textos apresentam três ou mais ocorrências. No grupo destes falantes, destacam-se, especialmente, quatro narradores (o que constitui cerca de vinte por cento dos que utilizam o marcador nos seus textos): T15, T16, T21 e T30, dos quais dois são homens e duas são mulheres. Os fragmentos das narrativas destes quatro falantes são exemplificados em baixo (exs. 17 – 20) e podem ser comparados com os exemplos (1) e (2), apresentados na secção 1, provenientes dos falantes T4 e T 24 (duas mulheres).

(17)

“Os dois filhos já andaram na escola de Universidade de Dili[;] E [o]s quatro andaram na pré-secundária e pré-primária em Suai. A minha irmã tem 4 filhos mas ela é doméstica e viúva. Os três filhos andaram todos na escola e já tiraram o diploma de Secundária e não continuaram mais os estudos na Universidade, porque já não tem mais pai para a responsabilizar neles. E a sua filha não andou na escola porque não tem mais poder para tratar nela. O meu pai também já morreu muito tempo. A minha mãe morreu a pouco tempo. Agora ficamos nós os três, vivemos sem pai e sem mãe. Nós trabalhamos sozinhos para sustentar os filhos.” (SF – T15MP)

(18)

“Nós somos ao todo, seis irmãos: três rapazes e três raparigas. Neste momento, cinco já são casados, incluindo eu, que sou a primeira filha, e só o meu irmão mais novo é que ainda é solteiro. (...) A nossa primeira filha nasceu também no mato e quando viemos apresentar-nos aos Indonésios, ela já tinha os seus 6 meses de idade. Ao todo temos oito filhos e uma já falecida, logo uns dias após a nascença. A nossa filha mais nova, já é cri[d/o][l]a da minha irmã, porque ela nunca teve filhos, após o casamento. (...) A nossa filha mais velha já está casada, com o último filho do senhor Mariano Lopes e já tem dois filhos. Ela não acabou os estudos, que tinha frequentado em UNS Solo, Indonésia, devido da situação da guerra.” (SF – T16FP)

² O *subcorpus* ‘*História da minha família*’ é composto por narrativas livres, escritas por trinta falantes (T1 - T30), sendo a amostra controlada do ponto de vista da variável sexo, género e *status* sócio-profissional. Os falantes são todos timorenses, com idade média de 46 anos, e trabalham como professores do Português em Dili. A transcrição dos textos deste *subcorpus* ocupa 34 páginas de texto normalizado (46377 palavras), com uma narrativa em média por uma página de transcrição. Na transcrição, mantém-se a grafia original das narrativas.

(19)

“A família é grande. Composta de nove filhos. Duas meninas e sete rapazes. Sou a mais velha. Já estão casados seis irmãos, três ainda solteiros. (...) Com várias dificuldades e muito sacrifício, fui criando e educando-as, agora já formadas e cada uma delas já vive com a sua família. Embora com vários obstáculos durante toda a minha vida, mas com a ajuda de Deus e apoio de outros familiares, sinto-me agora já satisfeita por ter já cumprido a minha tarefa como mãe e educadora dos meus filhos.” (SF – T21FP)

(20)

“Casei com ela ainda nova de 15 anos de idade, agora já tem 40 anos de idade. Quanto ami casei com 27 anos de idade e agora já tenho 49 anos de idade. A profissão dos nossos pais eram agricultores e já foram mortos no tempo da ocupação Indonésia. Foram mortos devido violação e traição do ocupante Indonésio. (...) Agora nós dois ja temos nove filhos cinco rapazes e cinco raparigas.” (SF – T30MP)

A análise dos exemplos atrás apresentados, provenientes dos fragmentos das narrativas timorenses do *subcorpus* da ‘História da minha família’, mostra claramente que, num grupo de 30 falantes, dos quais apenas dois terços utilizam o marcador ‘já’, vinte por cento dos que o fazem empregam-no com a *frequência acima da média* (2,5 dos usos no universo dos 19 falantes), observando-se entre quatro a seis ocorrências nos textos acima ilustrados. Os empregos observados podem ser classificados, num primeiro momento, quer como aspectuais com o Pretérito Perfeito Simplex quer como avaliativos, com o Presente do Indicativo (ou, pontualmente, o Imperfeito do Indicativo), não se observando outros valores do marcador ‘já’ distinguidos por Lopes (2003) e abordados na secção anterior.

Se alguns dos empregos observados não levantam aparentemente dúvidas quanto à correcção do uso apresentado (sobretudo se analisarmos os fragmentos do texto como enunciados isolados), repetindo-se padrões paradigmáticos com o valor aspectual do tipo: ‘os meus filhos já casaram’, ‘já sou avó’, ‘já falecida’, ‘já está casada’ ou, ainda, ‘sinto-me agora já satisfeita por ter já cumprido a minha tarefa como mãe e educadora dos meus filhos’ (falante T21, no exemplo 19), outros usos há em que se torna difícil avaliar correctamente o tipo de valor atribuído a cada um dos marcadores apresentados. A questão que se levanta, por exemplo, é se o emprego do ‘já’ pelo falante T15, no exemplo 17, é de facto um uso do valor aspectual, tal como parece resultar da leitura dos enunciados: ‘os dois filhos já andaram na escola’ ou ‘já tiraram o diploma’, ou se – pelo contrário – o falante deseja apenas referir-se aos factos e relatá-los com a ancoragem passada, isto é, procurando atribuir ao marcador o valor temporal passado que ele, à partida, não tem (cf. secção anterior). A mesma dúvida coloca-se também, por exemplo, perante o emprego ‘e agora já tenho 49 anos de idade’ (‘já’ + Presente do Indicativo) do falante T30, no exemplo 20, em que a intenção textual do falante parece ser uma constatação simples de

um facto (caso em que, no Português Europeu, se prescindiria do emprego do marcador) e não o espanto pela idade que se tem, que resulta, de facto, do emprego do valor avaliativo utilizado. Na leitura da totalidade dos textos timorenses, o uso do marcador avaliativo frequente em certos falantes parece transmitir à produção escrita um surpreendente (e, até, chocante) carácter enfático, o que contrasta com o tom tradicionalmente sóbrio e muito contido da expressão timorense.

A hipótese da ocorrência da intenção de indicar uma simples constatação dos factos e não da marcação aspectual (ou avaliativa) parece reforçada pelos fragmentos, em que a ancoragem passada é evidente e parece prescindir do emprego do ‘já’, como em ‘*já foram mortos no tempo da ocupação Indonésia*’ (falante T30, no exemplo 20).

Os empregos do marcador ‘já’ observados nos outros *subcorpora* do nosso *corpus*³ reforçam as observações acima apresentadas. Nas narrativas tradicionais timorenses ‘*Saída do Paraíso*’⁴, o marcador não é muito frequente, mas é igualmente polémico: de entre 13 ocorrências registadas, apenas três usos não levantam problemas de análise. Noutros dez, os falantes nativos do Português Europeu que avaliaram os textos ou detectaram casos de tentativas de marcação aspectual de posterioridade – como em: ‘*comprendiam já*’ (no sentido de ‘*passaram a compreender*’) ou ‘*e houve já*’ (no sentido de ‘*passou a haver*’) – ou confessaram a sua dificuldade na atribuição correcta do sentido aos enunciados.

Nos outros *subcorpora*, as ocorrências problemáticas não foram tão frequentes: no caso dos textos sobre ‘*Problemas com a Língua Portuguesa*’⁵, o ‘já’ ocorre 12 vezes, com apenas dois empregos de difícil interpretação. Os erros que surgem neste *subcorpus* são erros típicos do emprego correcto do tempo verbal ou da construção temporal correcta (‘*já foram*’, em vez de ‘*já tenham sido*’ ou ‘*já três anos*’ em vez de ‘*já há três anos*’). No *subcorpus* ‘*O ensino da Língua Portuguesa em Timor Leste*’⁶, surgem 14 ocorrências com 5 ocorrências problemáticas (exemplificadas em 21 e 22, a seguir), difíceis de interpretar e de analisar contextualmente:

(21) ‘*Ainda falam o português, já vão começando a estudar e a aprender porque já estão esclarecidos.*’ (p. 33)

(22) ‘*Já tinham conhecido melhor*’ ((?)) no sentido de: o que os alunos conhecem melhor) (p. 39)

³ Agradeço a Margarida Casadinho a análise dos *subcorpora* efectuada.

⁴ A transcrição tem 17 páginas (3350 palavras).

⁵ A transcrição tem 20 páginas (22070 palavras).

⁶ A transcrição tem 22 páginas (24508 palavras).

4. Proposta de análise de alguns empregos timorenses de 'já' como marcador temporal do passado

Se voltarmos à apreciação dos exemplos (1) e (2), apresentados na secção 1, e reproduzidos aqui em (23) e (24), constatamos que eles nos merecem alguns comentários. Verificamos, assim, que na primeira parte do exemplo (23), a utilização correcta do tempo gramatical, isto é, do Imperfeito do Indicativo em vez do Pretérito Perfeito Simples, permite uma correcta leitura temporal do enunciado (exemplo 23a). Por outro lado, na segunda parte do exemplo, o problema parece estar na ordem dos constituintes, em que o marcador deve surgir na posição pós-verbal, permitindo igualmente uma leitura temporal.

(23) “(...) *O meu marido com 25 anos já foi funcionário de saúde (...); a nossa primeira filha já vai fazer 30 anos (..).*”

(23a) * *O meu marido com 25 anos já foi funcionário de saúde.*

P. E. → 'já era' → leitura temporal

(23b) ? *A nossa primeira filha já vai fazer 30 anos.*

P. E. → 'vai já' → leitura temporal

À leitura temporal, no entanto, junta-se simultaneamente uma leitura avaliativa, no sentido de '*tão novo e já era funcionário de saúde*', em (23 a), e '*finalmente, já não era sem tempo*', em (23b). A pergunta que se nos coloca, nestes casos, é se o falante tem a intenção de marcar este valor avaliativo, tal como marcado nos exemplos acima, ou se a sua intenção é marcar apenas o valor temporal (e para tal, no P.E., precisa apenas de utilizar o tempo verbal adequado, prescindindo do uso do marcador 'já').

No exemplo (2), reproduzido em (24), a leitura é aspectual, tal como demonstrado em (24 a, b e c). Também esta leitura pode ser simultaneamente avaliativa '*finalmente, já não era sem tempo (de se casarem ou terem filhos)*'. Também neste caso, tal como nos exemplos anteriores, a pergunta que se coloca é se esta marcação do uso avaliativo pelo falante timorense é intencional ou se resulta do não conhecimento deste uso específico do marcador 'já', quando a verdadeira intenção do falante é a marcação do valor temporal.

(24) “ (...) *Os meus pais casaram-se e tiveram doze filhos, seis rapazes e seis raparigas. Os meus irmãos já se casaram e já tiveram muitos filhos. Também eu já me casei. (...) Tivemos sete filhos (...).*”

(24a) *Os meus irmãos já se casaram.* → leitura aspectual (+ avaliativa)

(24b) *Já tiveram muitos filhos.* → leitura aspectual (+ avaliativa)

(24c) *Também eu já me casei.* → leitura aspectual (+ avaliativa)

Na sequência da análise dos exemplos (17)–(20) na secção anterior e dos exemplos (23) e (24), não encontramos razões (i) para a frequência marcada do operador em certos textos nem (ii) para o uso avaliativo. Por um lado, o marcador é muito frequente em apenas alguns falantes, ultrapassando neles claramente os valores médios calculados para vários *subcorpora*. Por outro, a leitura avaliativa, se pontualmente perfeitamente aceitável, num emprego repetitivo resulta de um modo enfático inesperado e marcadamente exagerado na leitura global dos textos, sem qualquer outro tipo de reforço (seja ele sintáctico, semântico ou pragmático) que pudesse validar este tipo de interpretação. Se não encontramos argumentos a favor do uso avaliativo do marcador ‘já’, somos levados a pensar que ele resulta, na maioria dos casos, como um emprego não intencional, devendo-se ao desconhecimento da sua plurifuncionalidade pelos falantes timorenses.

Perante este enquadramento, a pergunta que se coloca é qual é o valor que os timorenses atribuem ao marcador ‘já’ e a que é que se deve esta sua *especificidade* de emprego.

Se olharmos para os dados das línguas faladas pelos timorenses, sejam elas as suas línguas maternas, como, por exemplo, o Tétum, sejam elas outras línguas austronésias faladas no território, como, por exemplo, o Indonésio (frequentemente a língua de alfabetização dos mais novos), verificamos a existência de partículas temporais que marcam todo o escopo dos enunciados produzidos⁷, conforme ilustrado nos exemplos (25)–(27) abaixo.

- (25) (Tétum) *Nia hatiha.*
 ele comer já
 (PE) *Ele comeu.*

(cf. Hull & Eccles 2005)

- (26) (Tétum) *Labarik sira kaertiha manu-fuik ida.*
 jovem os reter já pássaro bravo aquele

(PE) *As crianças apanharam um pássaro.*

(cf. Hull & Eccles 2005: 122)

- (27) (Indonésio) *Ali sudah makan.*
 Ali já comer
 (PE) *Ali comeu/ tinha comido*

(comunicação pessoal de Aurora Donzelli)

⁷ Agradeço a Aurora Donzelli esta comunicação pessoal, sobretudo no que diz respeito aos exemplos indonésios (ex. 27). Agradeço, também, a colaboração de Ana Sofia Santos Deus, na consultoria dos exemplos timorenses.

Nos exemplos apresentados acima, a partícula ‘*tiha*’ de Tétum ou a partícula indonésia ‘*sudah*’ – que nas transcrições são rendidas como o marcador português aspectual de perfectividade ‘*já*’ –, funcionam, junto a uma forma verbal não flexionada, como simples localizadores temporais do passado, função que, no Português Europeu, é rendida pelos tempos gramaticais.

Com base nos exemplos das produções timorenses previamente analisados, somos levados a pensar que o ‘*já*’ timorense, por alguns falantes utilizado de um modo persistente e que frequentemente acaba por resultar numa leitura avaliativa, no fundo não passa de um uso austronésio de partículas marcadoras da localização temporal, tal como acontece com ‘*tiha*’ e ‘*sudah*’. Nesta análise, a leitura avaliativa observada nos exemplos apreciados, não resulta do emprego intencional (nem consciente) da parte dos falantes timorenses, mas surge como um efeito “colateral” indesejado de um marcador plurifuncional português, mal conhecido e incorrectamente empregado pelos falantes do Português L2.

Conclusões

Sendo o Tétum-Praça uma língua crioualizada que perdeu a sua morfologia (excepto em alguns aspectos fossilizados observados na derivação de palavras), esta foi substituída por marcadores (isto é, partículas) de funções variadas e, pontualmente, pela sintaxe. Na nossa análise, o marcador tétum de perfectividade e de localização temporal passada ‘*tiha*’ (‘*já*’, ‘*depois*’) colocado na posição pós-verbal marca o enunciado como concluído. Este marcador parece servir de chave para se poder entender os empregos *específicos* do ‘*já*’ timorense, frequentes em certos falantes, no discurso produzido em Português L2. Esta proposta de análise é reforçada pela análise do marcador perfectivo indonésio ‘*sudah*’ a desempenhar funções análogas. Defendemos, por conseguinte, uma clara influência das línguas maternas e outros idiomas austronésios utilizados pelos falantes timorenses, influência essa que os leva à reanálise do ‘*já*’ com o Pretérito Perfeito Simples, no discurso em que se observa a perda do valor aspectual (com a ancoragem presente) para uma ancoragem do valor temporal passado. Nos empregos analisados do ‘*já*’ com o Presente do Indicativo, perde-se o valor avaliativo, sendo a reanálise feita também no sentido da marcação do valor temporal pretendido. Defendemos, por conseguinte, que, no caso dos usos do ‘*já*’ por nós inicialmente reconhecidos como *especificamente* timorenses se trata de um marcador temporal (mas não temporo-aspectual) de perfectividade, do qual a especificidade aspectual e/ou avaliativa portuguesa foi claramente apagada.

A proposta da análise apresentada aponta para a necessidade do conhecimento das características linguísticas da(s) língua(s) materna(s) (L1) e/ ou de alfabetização dos aprendentes do Português (L2). Este conhecimento é indispensável não só para a interpretação dos dados produzidos pelos aprendentes, mas, sobretudo, para a produção de materiais e elaboração de estratégias linguística e pedagogicamente viáveis no ensino do Português L2 (conforme defendido, por exemplo, por Ana Sofia Santos, 2008).

Referências

- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2005) Conceptual-Affective Patterns in Narrative Discourse: a Window on Universal and Language Particular Learning Mechanisms? In Bokus, B. (ed.) *Studies in the Psychology of Child Language - Papers in Honour of G.W. Shugar*. Warszawa: Matrix, pp. 329-346.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2006) Expressão de emoções e discurso: Aspectos de estratégias linguísticas de avaliação em narrativas produzidas por falantes não nativos do Português Europeu. In *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL, pp. 219-230.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2007) Enquadramento Cognitivo para a Estrutura Narrativa: uma Proposta de Olhar para a Narrativa a partir da Perspectiva da Linguística Cognitiva de Leonard Talmy. *Veredas*, Revista da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil: Editora da UFRJ, 10 (1/2) Jan/Dez 2006, pp. 21-32, disponível em http://www.revistaveredas.ufjf.br/volumes/veredas_portugal/artigo02.pdf
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2009) De que forma o ensino de Português se deve adaptar às diferentes realidades nacionais? O caso de Timor. *Estudos Linguísticos/ Linguistic Studies*, 3. Lisboa: CLUNL, FCSH-UNL, Outono 2009.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz (2010) Ensinar Português no Enquadramento Poliglóstico de Timor-Leste. *Palavras*, Lisboa: Associação de Professores de Português, Primavera de 2010.
- Batoréo, Hanna Jakubowicz & Margarida Casadinho (2009) O Português – uma língua pluricêntrica: O Caso de Timor-Leste. *Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos*, 13 – 1, Braga: Universidade Católica Portuguesa, pp. 63-79.
- Bowden, John (2003) Lóvaia: an East Timorese language on the verge of extinction. In *International Journal of the Sociology of Language*, pp. 155-167.
- Campos Maria Henriqueta Costa (1997) Le marquer “já”: étude d’un phénomène aspectuel. In *Tempo, Aspecto e Modalidade. Estudos de Linguística Portuguesa*, Porto: Porto Editora, pp. 53-68.
- Campos Maria Henriqueta Costa & Maria Francisca Xavier (1991) *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta, cap. 11.1.5.1., pp. 327-338.
- Casteleiro, João Malaca (coord.) (2001) *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa e Editorial Verbo.
- Hajek, John, Catharina Williams-van Klinken & Rachel Nordlinger (2002) *Tetun Dili: a Grammar of an East Timorese Language*. Camberra: Pacific Linguistics.
- Hull, Geoffrey (1998) The languages of Timor 1772-1997: a literature review. *Studies in Languages and Cultures of East Timor*, 1, pp. 1 -38.
- Hull, Geoffrey & Lance Eccles (2005) *Gramática da Língua Tétum*. Lisboa: Lidel.
- Lopes, Ana Cristina Macário (2003) Elementos para uma análise semântica das construções

com 'já'. In Ivo Castro e Inês Duarte (org.) (2003). *Razões e Emoção: Miscelânea de estudos em Homenagem a Maria Helena Mira Mateus*. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003, Vol. I, pp. 411-428.

Mateus, Maria Helena Mira *et al.* (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Caminho, 5ª edição.

Santos, Ana Sofia Rodrigues dos (2009) O Ensino da Língua Portuguesa em Timor-Leste: o Método Português em Timor e a importância do Tétum (L1) na Aquisição do Português (L2), Dissertação de Mestrado em Ensino do Português como L2 e LE, FCHS da Universidade Nova de Lisboa. Disponível em : http://cvc.instituto-camoes.pt/conhecer/biblioteca-digital-camoes/cat_view/118-dissertacoes-e-teses.html

Taylor-Leech, Kerry (2008) Language and identity in East Timor: The discourses of nation-building. *Language Problems and Language Planning* 32(2), pp. 153-179.

Thomaz, Luís Filipe Reis (2002) *Babel Loro Sa'e - O Problema Linguístico de Timor-Leste*. Lisboa: Instituto Camões.